

# **Ensino de Geografia na grande escala experiência na elaboração de material didático sobre o estado Rio de Janeiro – Brasil.**

Pato, Patrícia Santiago<sup>1(\*)</sup>;  
Cosandey, José Victor Juliboni<sup>1</sup>;  
Desiree, Guichard<sup>1</sup>  
Silva, Luis Felipe Luna da<sup>1</sup>;

## **Resumo**

O ensino da Geografia depara-se com um grande problema, tratar do conteúdo de Geografia do Rio de Janeiro na educação escolar, sem que este tema esteja presente nos livros didático. Estas publicações privilegiam o estudo dos fenômenos nas escalas nacional e mundial, isto contribui para a compreensão dos processos gerais, mas negligencia a articulação do geral com o local. Quando exemplificam algum fato localmente o fazem enfocando o estado de São Paulo. Desta forma, o material didático disponível apresenta um conteúdo insuficiente para tratar das questões do estado do Rio de Janeiro. Este quadro caminha no sentido oposto aos conteúdos exigidos pelas instituições públicas que organizam os vestibulares, onde as temáticas centradas no Rio de Janeiro são cada vez mais presentes. Existe, portanto, um fato concreto que é a grande demanda por estes conteúdos no ensino médio, que só podem ser trabalhados com qualidade se também estiverem presentes minimamente nas séries anteriores. O Rio de Janeiro tem sido objeto de estudo em diversos campos temáticos na produção acadêmica nas ciências sociais, sendo a Geografia pioneira nestes estudos, sobretudo na temática urbana. São inúmeras monografias, dissertações de mestrado e teses de doutorado nos diversos institutos universitários. É possível perceber um hiato em termos de produção de material didático que dê suporte ao ensino de Geografia do Rio de Janeiro, há também uma demanda por material didático, na temática em questão, destinado aos professores e alunos do ensino médio e fundamental. Ao mesmo tempo, este vácuo é produto e produtor da crise de identidade fluminense já mencionada. Ocupar este espaço é um desafio e uma necessidade na construção desta identidade e de uma sociedade cidadã no nosso estado.

O objetivo é analisar como o ensino voltado para a escala estadual e regional pode contribuir para a formação de um cidadão crítico. Busca-se ainda contribuir na formação de alunos capazes de atuarem nas transformações do seu espaço imediato. As atividades desenvolvidas do projeto consistiram em selecionar bibliografia, imagens, questões de vestibular a produção de textos sobre as regiões do estado do Rio de acordo com a regionalização oficial. Outros procedimentos foram o levantamento e organização de dados populacionais com base na última contagem do IBGE de 2007, confecção de gráficos e tabelas a fim de comparar a população do ano de 2000 e 2007 e a evolução do PIB de cada região. A etapa seguinte consistiu na elaboração de material visual para as apresentações do material do nosso projeto em escolas dos ensinos fundamental e médio, com a finalidade analisar e discutir os diferentes aspectos das regiões e municípios do estado fluminense. O debate sobre a organização do espaço do interior e da metrópole fluminense é fundamental, esta unidade da federação passa por grandes transformações econômicas, populacionais e espaciais. A partir dos anos 1990, tornou-se mais nítido no território do Estado do Rio de Janeiro o papel de cidades médias fluminenses na

desconcentração das atividades econômicas e da população, consistindo na mutação do papel dessas cidades diante do processo de reestruturação da modernização. Esta unidade da federação é marcada por forte concentração populacional e de riquezas na metrópole. No entanto, com essa expansão, a crise metropolitana fica evidente, constituindo um processo de desmetropolização. Este fenômeno é atrelado à descentralização, ao crescimento e ao fortalecimento de cidades, que passam a comandar, em sua escala na hierarquia urbana, outros centros urbanos de sua influência regional. Tais conteúdos devem fazer parte dos debates escolares e contribuir para a formação cidadã e participativa de fato.

## **Introdução**

O ensino da Geografia se depara com um grande problema: tratar do conteúdo de Geografia do estado do Rio de Janeiro no Ensino Fundamental e Médio, sem que este tema esteja presente nos livros didático em todos os segmentos. Estas publicações, quando exemplificam algum fenômeno localmente o fazem enfocando o estado de São Paulo. Desta forma, o material didático disponível apresenta um conteúdo insuficiente para tratar das questões do Estado do Rio de Janeiro.

Este quadro caminha no sentido oposto aos conteúdos exigidos pelas instituições públicas que organizam os vestibulares, onde as temáticas centradas no Rio de Janeiro são cada vez mais presentes. Existe, portanto, um fato concreto que é a grande demanda por estes conteúdos no ensino médio, que só pode ser trabalhados com qualidade se também estiverem presentes minimamente nas séries anteriores.

## **O ensino de Geografia no Brasil prioriza a pequena escala**

O conhecimento geográfico aplicado no ensino fundamental e médio presente nos livros didáticos priorizam a escala global e nacional, em detrimento da escala local, em parte porque grande parte dos livros didáticos são produzidos em São Paulo. É inaceitável que o conhecimento de um lugar distante de sua própria realidade seja maior, nos livros didáticos, do que de sua própria cidade. Nos livros didáticos a escala nacional e global é privilegiada em detrimento da escala local.

Para abordar a Geografia de outros Estados, e neste caso a Geografia do Rio de Janeiro, o docente tem que procurar outras formas para fazer com que seu aluno aprenda conteúdos do seu Estado.

Não pode se abordar o conteúdo do Rio de Janeiro da mesma forma que um paulista aborda. Aqui, não temos apenas o petróleo, samba e a violência. Sendo assim, é essencial que o Estado do Rio de Janeiro, sendo o segundo Estado mais rico do país e terceiro mais populoso, tenha um material apropriado para que o aluno carioca/fluminense tenha total conhecimento dos fatos que ocorrem ao seu redor, sabendo desde os principais rios aqui presentes, até os devastadores problemas ambientais provocados pelo homem sobre esses mesmos rios. Ter o conhecimento do que é a COMPERJ; abranger a idéia de que neste Estado não há apenas a produção de energia nuclear, como também há termoelétricas e hidrelétricas. Enfim, um conteúdo, ainda sim que básico, mas que sirva para o conhecimento regional do aluno.

As realidades de cada Região e Estado diferencia bastante, tendo cada um, mudanças na culinária, cultura e na própria fala, com sotaque dos mais diversificados. Um grande problema que intriga cada vez mais os alunos do vestibular, o conteúdo sobre o Rio de Janeiro vem aumentando nos últimos anos. As principais universidades públicas do Estado (UFF, UFRJ e UERJ) vêm abordando questões sobre o estado em suas provas. Obviamente, qualquer jovem que faça a prova, deverá ter preferências em fazer questões sobre geografia do Brasil ou, até mesmo, Geografia Geral, do que responder, sobre desconcentração industrial no Estado ou produção agrícola do Estado. A produção de hortifrutigranjeiros e da cana-de-açúcar, ainda sim que uma produção basicamente regional, tem importância para as regiões Serrana e Norte Fluminense, respectivamente e a importância que cada região possui no contexto regional, quais são as cidades polarizadoras e porque estas exercem essa função.

A grande função do material didático é de fato levar o aluno/leitor a “ficar” mais próximo dos acontecimentos que estão a sua volta, acontecimentos esses, que além dos materiais paulistas, a mídia, tão presente no dia-a-dia através principalmente da televisão e, cada vez mais, da internet, não mostra. Além de tudo, ajudar no conteúdo que cada vez mais as universidades vêm pedindo em suas provas.

O Estado do Rio de Janeiro é somente citado em alguns livros quando o assunto está relacionado à distribuição do áreas de extração de petróleo no Brasil, nesse ponto comentam sobre o Norte Fluminense sendo mais específico na plataforma continental de Campos dos Goytacazes ou na questão referente a urbanização, na explicação do conceito de megalópole brasileira (Rio de Janeiro e São Paulo).

Esse problema na contextualização do estado leva uma perda de identidade territorial do cidadão fluminense, pois ele fica sem saber as características de cada local, de como as regiões foram subdivididas pelo IBGE. Na maioria das vezes não é do conhecimento do aluno essas subdivisões, já que o conhecimento da maioria dos estudantes que moram na região metropolitana só chega até a região dos Lagos, e isso por que esta região é a casa de veraneio para muitos metropolitanos.

Ter o conhecimento sobre a região seja através do PIB, formação histórica e transformações estruturais, possibilita o aluno relacionar a interação que ocorre entre as cidade e regiões, possibilitando o entendimento das cidades médias e porque esta exerce função polarizadora. Tudo isso proporciona uma identificação com o espaço em que ele faz parte. Além disso, faz se sentir pertencente à determinada localidade.

Diante de tal fato, produzir e disponibilizar o conhecimento sobre o território na escala local, no caso do trabalho a abordagem é regional, através de material didático sobre o Estado do Rio de Janeiro tem como objetivo a formação de cidadão crítico e participativo, buscando a construção de um individuo que saiba compreender o espaço em que ele faz parte e quais as relações ocorrem. Com isso, ele possa visualizar e buscar saber sobre os fatos e reivindicar os seus direitos. O objetivo é analisar como ensino voltado para a escala estadual e regional pode contribuir para a formação do cidadão crítico e participativo, para que estes possam atuar nas transformações do seu espaço imediato.

## **Perspectiva de lugar**

A discussão teórica-metodologica sobre conceito lugar é analisado diante de três perspectivas, em ambas o objetivo final é ultrapassar o conceito usual de simples

localização espacial. Na abordagem da Geografia Humanística, o Lugar é a representação do espaço vivido, ou seja, o espaço que foi experienciado. Como explicado por Tuan:

“Na experiência, o significado de espaço freqüentemente se funde com o de lugar. “Espaço” é mais abstrato do que “lugar”. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor (...) se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar (Tuan, 1983, p.6)”. O objetivo deste autor é entender como o espaço se torna lugar.

Já na concepção histórico-dialético, lugar pode ser compreendido diante do processo da globalização (pelo fato de a globalização ser um fato contraditório porque de um lado homogeneiza as várias esferas da vida social ex: cinema, coca-cola) e ocorre a fragmentação, devido aos antagonismos sociais e a diferenciação. Devido a essa contradição homogeneização-fragmentação, para a compreensão da globalização é preciso analisar as particularidades dos lugares.

O lugar diante dessa nova perspectiva sofre impactos das transformações causadas pela globalização, conforme suas particularidades e em função das possibilidades, logo a eficácia das ações em nível global, são dependentes da possibilidade das materialidades dos lugares. E o local também fornece resistências ao fenômeno da globalização e as suas conseqüências, que podem ser manifestadas através da identidade e o coletivo. Na análise de Carlos:

***“O lugar se produz na articulação contraditória entre o mundial que se anuncia e a especificidade histórica do particular. Deste modo o lugar se apresentaria como ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e o local enquanto especificidade concreta, enquanto movimento. Só é possível o entendimento do mundo moderno a partir do lugar na medida em que este for analisado num processo mais amplo.” (1993, p.303)***

O pensamento pós-moderno questiona o conceito de totalidade para a explicação do lugar, porque o todo desaparece e cede espaço ao fragmentário, ao empírico individual. Como Silveira exemplifica:

***“... a totalidade é uma categoria tautológica, que revela um novo determinismo geográfico. A única coisa que tem existência empírica e, portanto é possível se analisar, é o lugar, o fragmento, o indivíduo. A totalidade só pode ser uma idéia, a soma dos fragmentos, mas muito dificilmente uma realidade empírica... (1993, p.204)***

A relação entre o sujeito e o objeto no processo do conhecimento possui uma dimensão subjetiva, porque os alunos já possuem uma experiência direta com o lugar, porque este é o seu lugar. A compreensão do lugar que é entendido como expressão da totalidade, como algo aberto, inacabado, portanto ocorre a necessidade de ampliar o entendimento do vivido para o concebido e também a geografia humanística tem uma contribuição sobre a dimensão objetiva ao longo do processo do conhecimento, podendo ser levada em conta na construção do conceito de lugar pelos alunos.

Podemos entender que o lugar abre a perspectiva de habitação e vivência, ou seja, o uso e o consumo, através dos processos de apropriação do espaço. Guardando o significado e as dimensões que o constituíram através da história em conjugação com o decorrer da vida, sendo recuperado pela memória por meio dos sentidos e do corpo. O que pode ser explicado por Carlos (1996, p. 20) “o espaço é passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo”.

O espaço deve ser compreendido como o espaço aonde é praticado as práticas diárias, as transformações e a reprodução das relações sociais, assim como a construção física e material da vida em sociedade. E na categoria compreendida como lugar em que ocorre o cotidiano e a história possibilitando a tríade habitante-identidade e lugar, no entanto, o lugar é a dimensão do cotidiano aonde ocorre a existência do cotidiano compartilhado entre os habitantes provocando divergências/conflitos que é a base da vida em comum.

*"O homem como resultado de sua experiência íntima com o seu corpo e com outras pessoas, organiza o espaço a fim de conformá-lo a suas necessidades biológicas e relações sociais.(Tuan, 1983 p. 39)".*

Diante da concepção de (Tuan, 1983 p.185) "O sentido de lugar não é incentivado somente pela circunscrição física no espaço: conhecer outros povoados e a rivalidade com eles estimula significativamente o sentimento de singularidade e identidades".

De acordo com Santos (1997), o lugar pode ser classificado/definido através da densidade técnica, informacional, comunicacional, normativa e temporal por meio do retorno ao passado e do presente. Constituindo-se como o intermediário entre o indivíduo e o meio, que pode ser reafirmando pelo autor (Tuan,1983 p.151) "O espaço transforma-se em lugar á medida que adquire definição e significado"

O lugar é resultado da articulação contraditória entre o global e a especificidade histórica do particular, ou seja, o lugar está inserido no global, mas possui singularidades que o distinguem dos demais espaços, como (Tuan, 1983, p.185) afirma "A cultura afeta a percepção. No entanto, certo objeto, quer naturais ou feitos pelo homem persistem como lugares através da eternidade do tempo, sobrevivendo ao apoio de determinadas culturas".

É importante a experiência tal como ela se apresenta, e não o que possamos pensar, ler ou dizer acerca dela. "O que interessa é a experiência vivida no mundo do dia-a-dia da pessoa." (MOREIRA, 2002, p.108,)

Assim, os homens dotam de luminosidade aqueles pontos do espaço onde atribuem significados especiais, relacionando-se com eles de maneira íntima, através do laço afetivo denominado topofilia (TUAN, 1974). Este se configura primeiramente com a casa, estendendo-se à medida que o homem amplia sua experiência e se envolve com outros lugares.

Segundo Tuan " A superfície da terra é extremamente variada. Mesmo um conhecimento casual com sua geografia física e abundância de formas de vida, muito nos dizem. Mas são mais variadas as maneiras como as pessoas percebem e avaliam essa superfície. Duas pessoas não vêem a mesma realidade. Nem dois grupos sociais fazem exatamente a mesma avaliação do meio ambiente. A própria visão científica está ligada a cultura. Uma visão entre muitas."

Neste sentido, o **lugar** se apresenta como a categoria espacial mais sintonizada a esta perspectiva, por constituir-se na menor célula espacial, configurada na escala do corpo (TUAN, 1975), quando tem um caráter individual, em torno das relações afetivas que a pessoa mantém com o espaço.

A perspectiva da experiência é, portanto, a memória vivida, o passado tornado presente, que na sua dinâmica, conforma o ser e o eu. Envolve tanto a experiência corpórea sensitiva (TUAN, 1977) quanto a experiência mediada (GIDDENS, 2002), impossível de ser excluída, mesmo que fosse necessário fazê-lo.

Para pensar a questão, vejamos uma explanação acerca da relação do Homem com o espaço, da década de 1970:

“O Homem sempre teve necessidade de estruturar e identificar o seu meio circundante, e a habilidade de se locomover com um mínimo de certeza sempre esteve presente em todos os grupos humanos. Pode-se mesmo afirmar que reconhecer e padronizar as vizinhanças é uma necessidade básica, que tem suas raízes em um passado remoto e que é de relevância prática e emocional para o indivíduo isolado ou em grupo. Há uma interação profunda entre observador e observado. A Natureza sugere contrastes e relações que assumem a função de referências, que em sua maioria são apelos às percepções visuais, tanto de cor, forma, luz como de movimento. Enquanto que o Homem adapta aos seus propósitos tudo o que percebe, isto é, seleciona, organiza, e principalmente atribui significado às percepções. Os diferentes ambientes resistem ou facilitam o processo de construção do relacionamento harmonioso entre o perceber e o percebido.” (OLIVEIRA, 1976, p.56)

Portanto essa análise é difícil de ser claramente entendida e expressada por quem vive, porque o indivíduo tende a entender a realidade forma fragmentada, por isso a dificuldade de realização do entendimento da trajetória completa de toda a trajetória e entendimento das suas conseqüências.

## **A produção de material sobre o estado do Rio de Janeiro**

*“A geografia serve, em princípio, para fazer a guerra. Para toda ciência, para todo saber deve ser colocada a questão das premissas epistemológicas; o processo científico está ligado a uma história e deve ser encarado de um lado, suas relações com as ideologias, de outro como prática ou como poder. Colocar os pontos de partida que a geografia serve, primeiro, para fazer a guerra não implica afirmar que ela só serve para conduzir as operações militares; ela serve também para organizar territórios, são somente como precisão das batalhas que é preciso mover contra este ou aquele adversário, mas também para melhor controlar os homens sobre os quais o aparelho do Estado exerce sua autoridade .”(LACOSTE, 2002.)*

O conhecimento geográfico na escala local no presente trabalho abordagem escolhida é a regional, proporciona uma maior e melhor compreensão do aluno sobre a realidade do território com a finalidade de tornar o aluno crítico e participativo buscando a construção de um indivíduo que saiba compreender o espaço dele de convivência afim deste poder visualizar e correlacionar o espaço através das práticas sociais, relações econômicas e a estrutura urbana, proporcionando a sua inserção nas práticas sociais, para que este possa questionar as transformações e reivindicar os seus direitos.

O Rio de Janeiro tem sido objeto de estudo em diversos campos temáticos na produção acadêmica nas ciências sociais, sendo a Geografia pioneira nestes estudos, sobretudo na temática urbana. São inúmeras monografias, dissertações de mestrado e teses de doutorado nos diversos institutos universitários. Não se pode deixar de ressaltar, que esta produção apresenta grandes desigualdades. Enfocam prioritariamente a cidade do Rio de Janeiro, pela sua condição de metrópole, seus bairros e favelas; em segundo lugar os processos ao nível da Região Metropolitana, estudados como um todo ou em partes: um município ou uma região, como a Baixada Fluminense. Em menor número os trabalhos que versam sobre o interior fluminense ou o estado como um todo, porém, nos últimos anos, este volume vem

aumentado, devido ao interesse nos programas de mestrado e doutorado e nos novos cursos de pós-graduação sobre o espaço fluminense.

É possível perceber um hiato em termos de produção de material didático que dê suporte ao ensino de Geografia do estado do Rio de Janeiro, há também uma demanda por material didático, na temática em questão, destinado aos professores e alunos do ensino médio e fundamental. Ao mesmo tempo, este hiato é produto e produtor da crise de identidade fluminense já mencionada. Ocupar este espaço é um desafio e uma necessidade na construção desta identidade e de uma sociedade cidadã no nosso estado.

Não se pode contentar com o conhecimento do aluno apenas no âmbito de seu cotidiano. A compreensão de que lugar só pode ser entendido com expressão da totalidade, inacabada, aberta e em movimento, leva à necessidade de ampliar o entendimento do vivido para o concebido.

É preciso, então, que o professor aguça bastante a sensibilidade para captar os significados que os alunos dão aos conceitos científicos que são trabalhados no ensino. Isso significa a afirmação e a negação dos dois níveis de conhecimento (o cotidiano e o científico) na construção do conhecimento, tendo, contudo, como referencia imediata, durante todo o processo, o saber cotidiano do aluno.

*“As pessoas, cada vez, mais diferenciadas profissionalmente, são individualmente integradas (sem que eles tornem claramente conhecimento disso) em múltiplas teias de relações sociais que funcionam sobre distâncias mais ou menos amplas. Os organizadores e os responsáveis por cada uma dessas redes, isto é aqueles que detêm os poderes administrativos e financeiros, têm uma idéia precisa de sua extensão e de sua configuração; quando um industrial ou um comerciante não conhece bem a extensão de seu mercado, ele manda fazer, para ser mais eficaz, um estudo onde será possível distinguir a influência que ele exerce (e a que ele pode ter) a nível local, regional, nacional, levando em consideração as posições de seus concorrentes”.* (LACOSTE, 2002)

No trecho acima citado por Yves Lacoste se encaixa perfeitamente sobre a divisão em regiões do estado do rio de janeiro, onde cada uma tem a sua especificidade e com isso ela se interliga em certos pontos por recurso em rede.

Redes essas ocorrem pelas inovações, que possibilita uma maior circulação de pessoas e informação. Essa circulação será dita por Milton Santos que ocorre através da Revolução do Meio técnico-científico-informacional.

Fazer o indivíduo pertencente a seu território possibilita a quebra da alienação do espaço, proporciona o que a geografia vem tentando romper o que a ideologia positivista havia construído um conhecimento técnico, onde o homem não estava presente, pois existia um distanciamento do objeto.

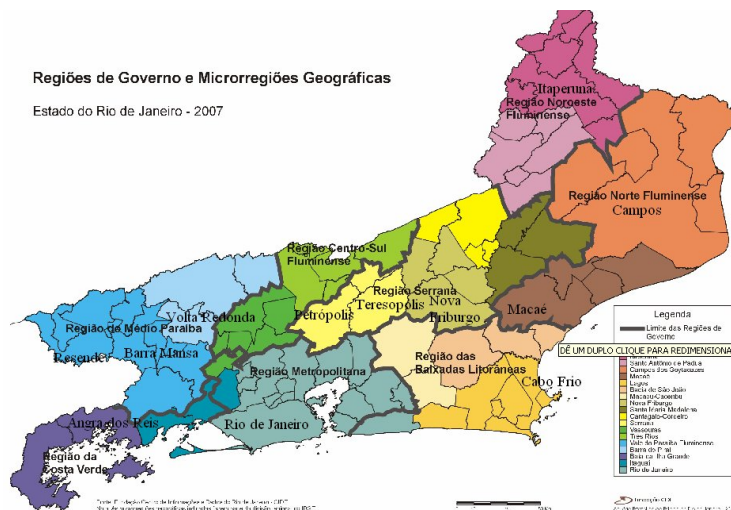
O debate sobre a organização do espaço do interior e da metrópole fluminense é fundamental, esta unidade de federação passa por grandes transformações econômicas, populacionais e espaciais. A partir dos anos 1990, tornou-se mais nítido no território do Estado do Rio de Janeiro o papel das cidades médias fluminenses na desconcentração das atividades econômicas e da população, consistindo na mutação do papel dessas cidades diante do processo de reestruturação da modernização. Esta unidade da federação é marcada por forte concentração populacional e de riquezas na metrópole. No entanto, com essa expansão, a crise metropolitana fica evidente, constituindo um processo de desmetropolização. Este fenômeno é atrelado à descentralização, ao crescimento e ao fortalecimento de cidades, que passaram a comandar, em sua escala na hierarquia urbana, outros

centros urbanos de sua influência regional. Tais conteúdos devem fazer parte dos debates escolares e contribuir para a formação cidadã e participativa de fato.

As cidades médias do estado do Rio de Janeiro, ganharam maior importância na década de 90, a partir da desconcentração das atividades econômica, acarretando numa mudança da função dessas cidades diante do processo de reestruturação econômica, resultando no processo de desmetropolização. Este fenômeno é atrelado à descentralização, ao crescimento e ao fortalecimento de cidades, que passam a comandar, em sua escala na hierarquia urbana, outros centros urbanos de sua influência regional.

No estado do Rio de Janeiro, temos as seguintes cidades médias, localizada no mapa um: Angra dos Reis (na Região da Costa Verde), Resende, Barra Mansa e Volta Redonda (na Região do Médio Paraíba), Petrópolis, Teresópolis e Nova Friburgo (na Região Serrana), Cabo Frio (na Região das Baixadas Litorâneas), Campos dos Goytacazes e Macaé (na Região Norte Fluminense). A cidade de Itaperuna (na Região Noroeste Fluminense) foi incluída, mesmo com menos de 100 mil habitantes, por oferecer serviços especializados e realizar a função de centro regional.

**Mapa 1**  
**Cidades Médias e a Configuração Regional do Governo do Estado do Rio de Janeiro-2004**



**Fonte: Fundação Cide.**

Esta unidade da federação é marcada por forte concentração populacional e de riquezas concentrada na área metropolitana, essa concentração pode ser explicada de forma histórica através do legado do período colonial, em que a cidade do Rio de Janeiro ocupava a função de portuária e defensiva. Apresentando pouca articulação entre as cidades médias e as metrópoles, resultante através de intenso processo de concentração espacial de investimentos e a divisão político administrativa entre as duas unidades administrativas ao longo de 141 anos, resultando numa desarticulação das cidades médias com a metrópole em detrimento da articulação complexa da Região Metropolitana.

O estado do Rio de Janeiro apresentou até a década de 80, uma estrutura altamente concentrada, ocasionando numa diferença do estado do Rio de Janeiro e do estado de São Paulo pode ser explicada por vários fatores: pela origem do estado e



sua configuração espacial, alta concentração populacional, econômica e de infraestrutura na região Metropolitana, em que havia na capital a presença de um governo forte central, a separação institucional entre a cidade do Rio de Janeiro e o estado da Guanabara, e uma rede urbana *desequilibrada* com pouco dinamismo das cidades médias.

Neste contexto de dinamização das regiões do interior, as cidades médias exercem papéis fundamentais, pois oferecem os serviços urbanos, são locais de presença das redes técnicas e servem de apoio à gestão do território.

As análises das cidades médias reportam aos estudos geográficos a partir da orientação lablachiana sobre orientação metodológica dos estudos urbanos que indicava, entre outros procedimentos, os estudos da cidade e sua região, buscando verificar a vida de relações entre uma cidade e sua hinterlândia (CORRÊA, 1990).

Assim podendo determinar o nível de influencia das conceituadas cidades médias em âmbito regional ou estadual, pois estas atuam como mediadoras entre as metrópoles e as cidades locais, porque estas possuem certo nível de especialização como bens e serviços.

Na análise de Santos (2000), as cidades médias podem ser entendidas como pontos de interseção e superposição entre verticalidades (entrepósitos entre o lugar de produção e a distribuição de bens e serviços exigidos pelas próprias, como o consumo de ciências embutidas em sementes, por exemplo) e horizontalidades (meios de trabalho, produção e consumo da população e das empresas atuantes).

A mudança no contexto mundial e no Brasil nos últimos vinte anos modificaram com grande intensidade o estado do Rio de Janeiro. Em suma, ocorreu em vários países do mundo uma implantação do modelo neoliberal globalizante caracterizado pela abertura de mercado, enxugamento da estrutura do Estado, privatizações e a busca pelo aumento da fluidez do território com a disseminação da técnica para maximizar a reprodução do capital facilitando, assim, o deslocamento de capitais, mercadorias e informações. Estas mudanças mundiais causaram grandes transformações no Brasil, sendo que, tal modelo foi indicado como solução para as crises do Estado e da economia.

Vale lembrar que os resultados da implantação dessas mudanças causaram, e causam impactos no território brasileiro de forma desigual. O enxugamento do Estado e as privatizações atingiram profundamente o estado do Rio de Janeiro, pois abriga o maior contingente de funcionários públicos federais. Desta forma, ocorreu nesta unidade administrativa o maior número de desligamentos do serviço público com os Planos de Demissão Voluntária – PDV, além disso, as vendas das estatais CSN, ÁLCALIS, CVRD, EMBRATEL, TELEBRAS, LIGHT, Porto do Rio, das empresas estaduais BANERJ, CERJ e CEG, resultaram na perda de milhares de postos de trabalho.

O estado do Rio de Janeiro só apresenta uma melhora em sua situação socioeconômica a partir do final da década de noventa, quando os investimentos privados originários das privatizações começam a apresentar alguns resultados. O governo federal investe seriamente em determinadas áreas e, ainda, ocorre à entrada de capitais privados transnacionais em alguns setores.

Cabe ressaltar que os investimentos do governo federal sempre centrais no Rio de Janeiro, foram fundamentais, como: a transferência do LNCC – Laboratório Nacional de Computação Científica para Petrópolis para servir de âncora ao projeto Petrópolis-Tecnópolis, transformando a Região Serrana numa área produtora de software, os investimentos da Petrobrás foram direcionados para a descoberta de novos poços em águas profundas no litoral norte fluminense e a construção do Pólo

Gás-químico com unidades na Reduc e no Terminal de Cabiúnas em Macaé, junto com a iniciativa privada. A estatal, a partir de um acordo com BNDES e governo do estado, passou a encomendar plataformas de petróleo, navios petroleiros e embarcações de apoio para estaleiros que tivessem instalações no Brasil, o que promoveu o renascimento da indústria naval fluminense.

O investimento de empresas transnacionais foi realizado em várias áreas, pois com o aprofundamento do modelo neoliberalismo o Estado passou a trabalhar com políticas de fomento às privatizações com o BNDES. Quando o Estado é o agente econômico realiza práticas de terceirização e de parcerias com a iniciativa privada, como no caso da Petrobras, por exemplo, que atua com um grande número de empresas estrangeiras.

Assim, as multinacionais estão presentes na implantação do setor automotivo na Região do Médio Paraíba, a Fábrica de caminhões da Volkswagen e a Guardian de vidros em Resende, a Peugeot-Citorën e fornecedoras em Porto Real, já a Saint Gobain foi responsável pela reabertura da Siderúrgica Barabará em Barra Mansa, contribuindo assim na ampliação do setor metal-mecânico na Região do Vale do Paraíba. Na Região Serrana, em Petrópolis a Microsoft e a Rational compõem o Parque Tecnológico FUNPAT.

Porém o setor petrolífero foi responsável pela entrada do maior número de empresas estrangeiras tanto para atuar na produção na Região Norte Fluminense como na implantação do pólo Gás-químico. Empresas de origens coreana, norueguesa e americana atuam no revigoreamento da indústria naval fluminense. Em Niterói estão instalados os estaleiros Jurong, Aker, Fels Setal e Ultratec, e em Angra dos Reis o Fels Setal nas dependências do Verolme. Na Região Noroeste Fluminense, na cidade de Itaperuna, a Parmalat adquire a antiga fábrica do Leite Glória. No setor turístico é possível apontar a presença da rede francesa de Hotéis Mediterranée, em Mangaratiba na Região da Costa Verde, e, ainda, na Região da Baixadas Litorâneas as novas rotas internacionais de transatlânticos que chegam a Búzios e Cabo Frio durante todo o ano. Não devem ser esquecidos os investimentos transnacionais na Região Metropolitana, como nos setores de telecomunicações, elétrico, distribuição de gás, químico-farmacêutico, alimentos, petrolífero, vidro, cimento etc.

Este novo dinamismo da economia fluminense promoveu mudanças no território, um rearranjo do espaço produtivo marcado pelo o processo de interiorização e desmetropolização que proporciona novas articulações e desconcentração espacial em relação à Região Metropolitana. Esta também é objeto de profundas transformações, que significam a requalificação da metrópole, tema analisado por OLIVEIRA, 2003. O centro perde postos de trabalho na indústria e se consolida como lugar dos serviços e da gestão do território, pesquisa, qualificação profissional e cultura. Os municípios do entorno metropolitano: Itaguaí, Duque de Caxias, São Gonçalo e Itaboraí, com o Pólo Petroquímico, se consolidam como locais de produção industrial.

No estado em questão a interiorização da economia se realiza em alguns municípios, seletivamente definidos, porém as suas repercussões ocorrem em escala regional, como por exemplo, a mobilidade da mão-de-obra. Este processo promove novos desenhos regionais, como a “Região do petróleo” que ultrapassa os municípios do Norte Fluminense, e a especialização das regiões por atividades, como os setores mecânico, petrolífero, moda íntima, tecnologia da informação, laticínio etc.

Percebe-se, ainda, a repercussão regional destas atividades verificando que elas se apóiam em centros urbanos de porte intermediário, denominados centros

regionais, que são as Cidades Médias. Tais centros contam com estruturas técnicas e de serviços superiores, especializados, que conferem fluidez e capacidade de dialogarem em tempo real com a metrópole. Para a cidade cumprir o requisito de ser considerada cidade média, não basta possuir mais de 100 mil habitantes, para cumprir a função de cidade intermediária entre a metrópole e os outros centros menores na região, deve ser dotada de estrutura viária, de comunicação, comércio (como equipamentos de informática, materiais de escritório etc.) e serviços especializados (como bancos, correio, clínicas de saúde especializada, centros universitários, reparos industriais, segurança, transporte de carga etc.) e não apenas os fundamentais.

O processo de interiorização da economia e da população ocorre de forma seletiva, estas atividades possuem repercussões regionais, como a indústria extrativa de petróleo e gás, dinamiza e dá novo significado às cidades médias. Proporcionando, um rearranjo espacial interpretado como desmetropolização. Trata-se de vetores do processo de expansão metropolitana e corrente da saída de população das áreas antigas e nucleares de metrópole para os municípios de urbanização recente. Em geral, são pessoas de classe pobre e de classe média, que devido à violência e ao alto preço dos imóveis vão para as áreas onde a expansão metropolitana é dada pela implementação de loteamentos e de condomínios para estas classes. O fenômeno metropolitano deve ser compreendido pela vida de relações cotidianas dos habitantes que transitam e usam os serviços urbanos de várias cidades. Tal expansão populacional para espaços que ultrapassam os limites do tecido metropolitano é considerada um fenômeno transformador do papel das cidades médias fluminense no contexto da rede urbana. Este novo contingente populacional é portador de valores, renda e inúmeras demandas, atribuem, ainda, um novo uso do território, no momento que passa a abrigar uma população metropolitana, ou seja, com uma vida de relações intensa com a metrópole. (GUICHARD, 2001).

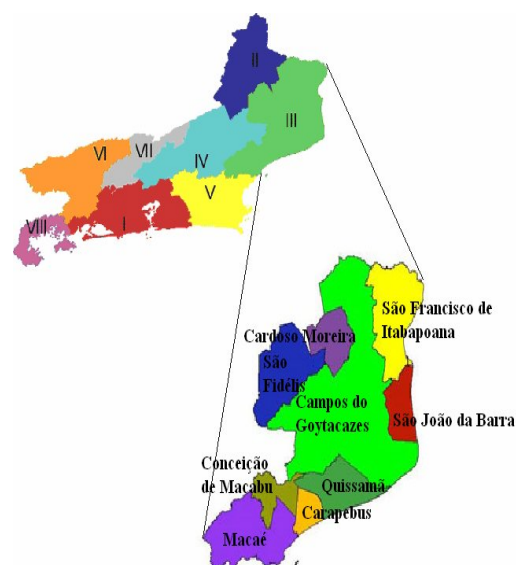
## **Produção de material didático sobre a geografia do estado do Rio de Janeiro**

O projeto foi iniciado no mês de maio de 2007, com o objetivo de elaborar um material voltado para as escolas e pré-vestibulares com conteúdo sobre o Rio de Janeiro, tema que vem sendo freqüentemente abordado nos vestibulares do Rio de Janeiro. Nosso objetivo é que no final do projeto, o material se encontre disponível através da internet, textos e apostilas.

As atividades desenvolvidas do projeto consistiram em selecionar bibliografia, imagens, questões de vestibulares e a produção de textos sobre as regiões do Estado do Rio de Janeiro de acordo com a regionalização oficial. Outros procedimentos foram os levantamentos e organização de dados populacionais com base no última contagem do IBGE de 2007, confecção de gráficos e tabelas a fim de comparar a população do ano de 2000 e 2007 e a evolução do PIB de cada região. A etapa seguinte consistiu na elaboração de material visual com o programa Power Point para a apresentação do material do projeto em escolas de ensino fundamental e médio, com a finalidade de analisar e discutir os diferentes aspectos das regiões e municípios do estado fluminense.

## Produção de Textos

A **Região Norte Fluminense** compreende Campos de Goytacazes, Carapebus, Cardoso Moreira, Conceição de Macabu, Macaé, Quissamã, São Fidélis, São Francisco de Itabapoana e São João da Barra. Produz 4% do PIB estadual e abriga 766.320 habitantes, que corresponde a 5% dos fluminenses. Está situada na área mais setentrional litoral fluminense, nos baixos cursos dos rios Macaé e Paraíba do Sul. Seu território é formado pela Serra do Mar, tabuleiros costeiros<sup>1</sup> e planície costeira<sup>2</sup>. Destaca-se o Delta do Paraíba do Sul construído pelos sedimentos do rio e a ação das correntes marinhas, é responsável pela formação de cordões litorâneos, praias, planície, terraços marinhos, lagoas e canais.



Este conjunto é denominada Baixada dos Goytacazes ou Campista. A sua localização numa grande planície favoreceu o desenvolvimento da atividade agrícola. A atividade tradicional da região é o cultivo da cana de açúcar (ocupando posição de maior produtora do Estado), sendo também responsável pelo maior efetivo de bovinos.

A cana de açúcar tem um papel importante, mas não é mais o principal setor, perdeu dinamismo diante da produção do estado de São Paulo, mais mecanizada e com custos de produção menores.

Tal fato tem promovido um esvaziamento populacional nas áreas rurais de Campos, Cardoso Moreira, São Fidélis e São Francisco de Itabapoana e a saída deste contingente para outras áreas como Macaé e Região das Baixadas Litorâneas, o que torna estes municípios focos de êxodo populacional no estado. Os que permanecem na região passaram a ocupar outras formas de ocupação, como na construção civil, com a perda econômica da atividade de cana-de-açúcar.

Recentemente foi implantado no município de Campos o Projeto Frutificar, que busca dinamizar a atividade agrícola com o beneficiamento de frutas cultivada na região. Este programa conta com incentivos dos governos estadual e federal e já atrai investimentos industriais externos, diferentemente de outros auxílios o cadastro é feito pelo CPF. Podendo haver numa mesma propriedade mais de um projeto de fruticultura fomentado pelo Frutificar, só que o mínimo é de cinco hectares o que acaba não abrangendo boa parte dos pequenos produtores.

<sup>1</sup> **Tabuleiros Costeiros** “Os tabuleiros costeiros representa, um tipo de modelado de origem sedimentar terciária/quaternária, com altura entre 20 e 30 e topos horizontalizados. Chegam a atingir de 20 a 30 quilômetros de largura, confinando-se, na sua porção ocidental, com as colinas e maciços costeiros e, na oriental com a planície costeira. No município de São Francisco de Itabapoana, pode também ser observados junto à costa, onde formam falésias, cuja origem está relacionada ao avanço do mar. Estão separados entre si por vales de fundo chatos, que se apresenta, geralmente, alagados e se entremeiam com cordões arenosos.” Fundação CIDE, 1997.

<sup>2</sup> **Planície Costeira** “Compreende superfícies plana e de baixas altitudes. Estendem-se por toda a linha da costa até as falésias dos tabuleiros e as encostas das colinas e maciços costeiros, além de acompanharem os vales fluviais que penetram muitos quilômetros para o interior. São constituídas por sedimentos quaternários (...). Estes sedimentos são de vários tipos – coluviais, aluviais, fluviomarinhos, fluviolacustres e marinhos e identificam-se com diversas formas de modelado: cordões arenosos, lagoas, lagunas, vales fluviais, manguezais e dunas.” Fundação CIDE, 1997

A indústria extrativa de petróleo na **Bacia de Campos**<sup>3</sup> promove mudanças neste quadro com o passar dos anos, pois a produção apresenta crescimento exponencial. A cidade de Macaé, antiga localidade portuária, é escolhida para sediar a estrutura operacional da Petrobrás na região. No seu porto e a área adjacente é instalada a UNBC – Unidade de Negócios da Bacia de Campos, como centro administrativo e de abastecimento das plataformas. Ao sul da cidade a empresa implanta o Parque de Tubos e mais ao Norte do município, o Terminal de Cabiúnas da subsidiária TRANSPETRO. Esta instalação recebe o petróleo e o gás das plataformas, e ainda os armazena e os transfere para a REDUC - Refinaria Duque de Caxias, conta, ainda, com grandes plantas industriais de beneficiamento do gás. Uma das plantas serve exclusivamente ao abastecimento do Pólo Gás-químico, na área da REDUC.

O setor petrolífero promove mudanças significativas na região como: a atração de dezenas de empresas nacionais e estrangeiras, a intensa atração populacional e valorização imobiliária na cidade de Macaé, a implantação de infraestrutura viária e intenso fluxo da mão-de-obra entre Macaé e os municípios vizinhos como Rio das Ostras, Casimiro de Abreu e Carapebus. Vale ressaltar que a cidade de Campos, é a origem de maior parte da mão-de-obra do setor, pois trata-se de um importante centro urbano regional com estrutura educacional consolidada de nível técnico e superior.

O município de Macaé está atraindo cada vez mais empresas e mão-de-obra estrangeira, sobretudo dos Estados Unidos. Existe também a atração populacional de outros municípios, de pessoas que estão em busca de emprego nestas novas indústrias, mas nem sempre conseguem pela alta qualificação que elas exigem. Com isso, está ocorrendo o aumento de excluídos e de moradias precárias em contraste com os bairros valorizados.

As prefeituras da região estão arrecadando um grande volume de recursos com os royalties do petróleo, cada governo municipal prioriza alguns setores para os investimentos em detrimento de outros, o que tem causado muita polêmica nas diversas instâncias governamentais. Estes recursos têm o caráter de compensar os municípios pelos possíveis transtornos causados pela atividade do petróleo e promover a proteção ambiental e a atividade produtiva que garantam dinamismo econômico após o término da extração.

As cidades de Campos e Macaé atuam como centros regionais que se complementam. A primeira polariza inclusive a Região Noroeste Fluminense, sempre foi uma grande cidade da região devido à sua importância administrativa, ao escoamento do café e à produção de açúcar e aguardente, e posteriormente, do álcool combustível. Com o declínio desta atividade houve paralelamente o desenvolvimento da atividade do petróleo impedindo que ocorresse a sua estagnação. As marcas da sua consolidação são os serviços urbanos, com destaque para a educação técnica e superior, estas com atividades de pesquisa e mais de vinte mil matrículas. Entre as instituições mais importantes estão: CEFET, a UENF e a Cândido Mendes. Macaé ascende rapidamente como centro urbano com um dos maiores *PIB per capita* do estado e, ainda, estende a sua atuação no seu entorno até Cabo Frio, em virtude da atividade do petróleo que promove um intenso fluxo de mão-de-obra.

Atualmente está em construção o Complexo Logístico e Industrial de Açú, distrito de São João da Barra, que irá beneficiar não só a região do Norte Fluminense,

---

<sup>3</sup> **Bacia de Campos**, uma bacia sedimentar submersa localizada na plataforma continental, (planaltos submerso que orla todos os continentes). Ela está na direção das Regiões Norte Fluminense e Baixadas Litorâneas.

como também o Noroeste Fluminense, durante a sua construção tem expectativa de gerar cerca de dez mil empregos diretos e indiretos ao longo da sua fase operacional, está previsto seu término para o segundo semestre de 2009 compreende a construção de um porto funcionará como base de apoio offshore à exploração petrolífera da Bacia de Campos e Sul do Espírito Santos.

## Questões de Vestibulares

QUESTÃO 49 UERJ 2006



LADERIA DA MISERICÓRDIA, MORRO DO CASTELO, INÍCIO DO SÉCULO XX  
(Jornal da Manhã, 27/02/1994)



PAÇO IMPERIAL, PRAÇA GUINLE, INÍCIO DO SÉCULO XIX

O desmonte do Morro do Castelo, em 1922, e a reabilitação do Paço Imperial, a partir de 1985, são exemplos de ações políticas que se baseiam em distintas concepções de preservação de sítios históricos.

Os fatores ideológicos que nortearam tais ações nesses momentos históricos de mudança e de permanência, respectivamente, são:

- (A) superação da ordem colonial e resgate da memória social
- (B) negação da origem européia e estruturação do poder público
- (C) difusão dos princípios positivistas e construção da cidadania ativa
- (D) substituição do ideário monárquico e emergência da cultura popular

UFF 2007

Observe atentamente a fotografia do grafite, ao lado, e responda às questões 17, 18, 19, 20 e 21.



Foto: Iváido G. Lima

17 Segundo o autor Armando Silva (2001), o grafite é uma imagem urbana que define e marca "a cidade em sua epiderme com novas tatuagens contemporâneas".

A análise do grafite em questão, relativo ao Rio de Janeiro, permite concluir que essa manifestação artística

- (A) decompõe a imagem da cidade, tomando o espaço da favela o símbolo da metrópole carioca.
- (B) especifica a cultura hip hop, revelando uma forma de resistência restrita ao cenário carioca.
- (C) divulga um valor identitário, reivindicando uma imagem indiferenciada para as favelas.
- (D) traduz uma paisagem e um espaço social, criticando, claramente, a atuação do Estado na cidade.
- (E) expressa a imagem de um grupo e de um espaço social, reforçando a luta pelo direito à cidade.

## Bibliografia

CARLOS, Ana F. “ O lugar: Modernização e fragmentação”. In: Santos, M. e outros (org). *Fim de século e globalização (O novo mapa do mundo)*. São Paulo: Hucitec-Anpur, 1993;

CARLOS, Ana Fani *O lugar no/do mundo* São Paulo Hucitec 1996.

CAVALCANTI, Lana de S. “ Geografia, escola e construção de conhecimentos”, 4ª edição, 2004. Editora: Papyrus;

CORRÊA, Roberto Lobato. *A Rede Urbana*. Rio de Janeiro: Ática, 1990. 54p.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. (trad. Plínio Dentzien) Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. 233p;

FUNDAÇÃO CIDE. *Anuário Estatístico do Estado do Rio de Janeiro – 2004*. Rio de Janeiro, 2004. 624p;

GUICHARD, Désirée. *O Lugar das Classes Médias em Maricá*. 137f. Dissertação (Mestrado em Geografia) 2001. Instituto de Geociências, Universidade Federal Fluminense.

LACOSTE, Yves. “A Geografia - Isso Serve, Em Primeiro Lugar para Fazer a Guerra”, Editora: Papyrus, 6ª Edição – 2002

MARANDOLA JR., Eduardo & MELLO, Leonardo F. de. **“Lugar” e “espaço de vida”**: novos enfoques para o planejamento e a participação? Trabalho enviado ao X Encontro Latino-Americano de Geógrafos, a realizar-se de 23 a 27 de março de 2005, na Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. 21p.

OLIVEIRA, Floriano José Godinho de. **Reestruturação Produtiva e Regionalização da Economia no Território Fluminense**. 231f. Tese (Doutorado em Geografia) – FFCHL, Universidade de São Paulo, 2003;

OLIVEIRA, Livia de. **“A situação da Geografia entre as ciências”**. Geografia, Rio Claro, v.1, n.1, p.53-61, abr. 1976.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo**. Razão e emoção. 2ed. São Paulo: 1977.

\_\_\_\_\_, Milton. **Por uma Outra Globalização**: do pensamento único à consciência universal. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2000. 174p.

SILVEIRA, Maria L. **“Totalidade e fragmentação: O espaço global, o lugar e a questão metodológica, um exemplo argentino”**. In: Santos, M. e outros (org). *Fim de século e globalização*. São Paulo: Hucitec-Anpur, 1993.

TUAN, Yu-Fu. **“Topofilia**: estudo de percepção, atitudes e valores do meio ambiente”. São Paulo: Difel, 1976;

TUAN, Yu-Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo, Difel, 1983.

VESENTINI, José W. **“O ensino de geografia no século XXI”**. In: Caderno Prudentino de Geografia nº17. Presidente Prudente: AGB: jul, 1995.